



## DA URBANIZAÇÃO À METROPOLIZAÇÃO: UMA ANÁLISE DA DIMENSÃO CULTURAL DA METROPOLIZAÇÃO NO MUNICÍPIO DE JUAZEIRO DO NORTE-CE

Francisca Fernanda Batista de Castro <sup>1</sup>  
Maria Clélia Lustosa Costa <sup>2</sup>

### RESUMO

O processo de urbanização brasileira mantém-se acelerado e apresenta grande diversidade e heterogeneidade em todo território nacional. Já o debate envolvendo a compreensão do processo de metropolização, perpassa diferentes fases da urbanização capitalista. Nesse trabalho, buscamos analisar os efeitos do processo de metropolização, numa escala territorial para além da metrópole, com olhar voltado para a reestruturação territorial do município de Juazeiro do Norte. Trata-se de um espaço metropolizado, que exerce ampla centralidade no Sul do Estado do Ceará, alcançando, inclusive outros estados da região Nordeste, a partir da sua oferta de serviços públicos e privados e diversificação comercial. Tais características vêm intensificando o poder de atração desse município ao longo das duas últimas décadas e promovendo um intenso fluxo de migrações pendulares em seu território. Pautada em um levantamento bibliográfico, documental e trabalho de campo, esta pesquisa objetiva contribuir com o debate acerca dos limites e possibilidades da metropolização, além de analisar as diferentes escalas desse processo no território cearense.

**Palavras-chave:** Urbanização capitalista, Metropolização, Juazeiro do Norte.

### ABSTRACT

The Brazilian urbanization process remains accelerated and presents great diversity and heterogeneity throughout the national territory. The debate involving the understanding of the metropolization process, on the other hand, permeates different phases of capitalist urbanization. In this work, we seek to analyze the effects of the metropolization process, on a territorial scale beyond the metropolis, with a view to the territorial restructuring of the municipality of Juazeiro do Norte. It is a metropolized space, which exercises broad centrality in the south of the state of Ceará, reaching even other states in the Northeast region, through the offer of public and private services, as well as commercial diversification. Such characteristics have intensified the attraction power of this municipality over the last two decades and promoted an intense flow of commuting migrations in its territory. Based on a bibliographic, documentary and fieldwork survey, this research aims to contribute to the debate about the limits and possibilities of metropolization, in addition to analyzing the different scales of this process in the territory of Ceará.

**Keywords:** Capitalist urbanization, Metropolization, Juazeiro do Norte.

<sup>1</sup>Doutoranda do Curso de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará – UFC,  
Email: fernandacastro1@hotmail.com

<sup>2</sup>Docente do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará – UFC,  
Email: cleliallustosa@gmail.com



## INTRODUÇÃO

Esse trabalho tem como foco a metropolização do espaço<sup>3</sup>, um processo em curso que não se restringe as metrópoles ou regiões metropolitanas, já que incorpora cidades médias, cidades pequenas e até o “mundo” rural, hoje transformado e incorporando urbanidades (LENCIONI, 2015; FERREIRA, 2016; MOURA, 2016). Esse processo não ocorre de maneira isolada, visto que, condiciona e reproduz a história urbana atual e o funcionamento da dinâmica do capitalismo contemporâneo, o que acarreta profundas transformações das formas, estruturas e funções urbanas nas mais variadas escalas geográficas.

Lencioni, (2006) esclarece que, o sentido que a palavra metropolização busca exprimir é, justamente, o sentido de ação, uma ação continuada, um processo relativo ao espaço que se encontra fortemente associado a outros três processos: a globalização da economia, reestruturação produtiva e reorganização territorial. Trata-se de uma organização espacial integrada a lógica atual da acumulação capitalista que se manifesta a partir da intensidade do fluxo de pessoas, mercadorias e capitais, bem como, do crescimento das atividades de serviços, demanda por trabalho imaterial, concentração de atividades de gestão e utilização de tecnologias da informação e comunicação.

A metropolização tem ainda uma dimensão cultural, acompanhada de uma alteração profunda da cultura mercantil, a qual atinge todas as esferas da vida e incide sobre espaços de toda ordem. Em meio a esse processo, os hábitos culturais e os valores urbanos próprios da metrópole se difundem para além dela. É a emergência de um novo ciclo, um estágio superior da urbanização, que incorpora algumas características do processo de urbanização e desenvolve novas (LENCIONI, 2015).

Partindo desse pressuposto, buscamos compreender a dinâmica urbana do município de Juazeiro do Norte, considerando-o como espaço metropolizado, fortemente influenciado pela dimensão cultural do processo de metropolização. O município, ocupa a quarta posição no ranque das maiores economias do Estado, estando à frente de algumas cidades importantes, a exemplo de Eusébio e São Gonçalo do Amarante que integram a Região Metropolitana de Fortaleza. Com um PIB de 4,8 bilhões (2018), Juazeiro do Norte se destaca como a maior economia do interior do estado do Ceará. Além disso, comanda a dinâmica econômica de um espaço urbano em expansão, isto é, o Arranjo Populacional de Juazeiro do Norte, polarizando

---

<sup>3</sup> As reflexões propostas neste artigo são decorrentes de uma pesquisa de doutorado em andamento, realizada na Universidade Federal do Ceará (UFC).



uma grande região de influência, através de atividades voltadas para o comércio, indústria, turismo religioso, serviços, entre outros.

A terra do Padre Cicero, como ficou conhecida em alusão ao seu primeiro prefeito e principal líder político, se configura como importante centro de romarias e devoção do Nordeste, o que a inclui na rota dos cinco principais destinos religiosos do país. Não obstante, a cidade passou a integrar uma nova lógica do capital global, sobretudo, a partir das primeiras décadas do século XX, o que evidencia um novo estágio do seu processo de urbanização. Trata-se de um novo ciclo, associado a outros dois processos (globalização e reestruturação produtiva) que vem provocando mudanças significativas, decorrentes da intensidade do fluxo de pessoas, mercadorias e capitais, da ampliação e diversidade comercial, bem como, do crescimento das atividades de serviços. Dito isto, entender os efeitos do processo de metropolização para além da metrópole, com olhar voltado para reestruturação territorial do município de Juazeiro do Norte é o principal objetivo dessa proposta de investigação.

## **METODOLOGIA**

A construção metodológica é constante em todo o trajeto, uma vez que, somente ao final da pesquisa, podemos afirmar que todo caminho foi percorrido, a propósito, que um novo caminho se inicia. Nesse sentido, os procedimentos operacionais, foram divididos em três fases ou procedimentos teóricos-metodológicos, são elas: a pesquisa bibliográfica e documental, interpretação e sistematização dos dados coletados e trabalhos de campo. A princípio, foi realizado o levantamento bibliográfico e documental. Esta etapa permitiu a formação de um banco de informações a partir da consulta em livros, dissertações, teses, artigos, periódicos e sites institucionais de órgãos da administração pública do recorte espacial selecionado.

Na segunda etapa foi feita a interpretação e sistematização dos dados coletados. A coleta dos dados secundários é de fundamental importância para compreensão e interpretação do objeto de pesquisa, na medida em que, irá proporcionar certo encaminhamento quanto aos trabalhos de campo.

A terceira etapa desta metodologia refere-se à realização dos trabalhos de campo. Recurso indispensável à pesquisa geográfica, sua importância é fundamentada na possibilidade de descobrir novos elementos da realidade, no intuito de promover uma releitura do espaço. O principal objetivo dos trabalhos de campo, além de coletar dados, refere-se ao desejo de comprovar ou refutar nossas hipóteses, e complementar, ou mesmo comprovar, as informações obtidas de forma secundária, principalmente através dos governos estaduais e municipais.



Destacamos nessa fase, a visita ao município de Juazeiro do Norte, a fim de compreender sua dinâmica intra e interurbana.

## REFERENCIAL TEÓRICO

O processo de urbanização sofreu profundas transformações ao longo das últimas décadas, sobretudo, a partir dos anos 1970, período em que Lefebvre (1999) formulou a tese a respeito da urbanização completa da sociedade. Para elucidar a *sociedade urbana*, apontada como uma “hipótese teórica”, que nasce da industrialização, Lefebvre apresenta um eixo ou “um caminho percorrido pelo fenômeno urbano”, no qual a urbe domina e absorve a produção agrícola. Trata-se de uma análise que é ao mesmo tempo espacial e temporal: “espacial, porque o processo se estende no espaço que ele modifica; temporal, uma vez que se desenvolve no tempo, aspecto de início menor, depois predominante, da prática e da história” (LEFEVBRE, 1999, p. 20).

O ponto de partida é a cidade política, vista como o “eixo temporal perto da origem”, que acompanha o estabelecimento de uma vida social, no qual o espaço urbano torna-se o lugar de encontro das coisas, das pessoas e da troca. Alusiva a Antiguidade grega e romana, bem como a Alta Idade Média, a cidade política foi superada pelo comércio que deu lugar a cidade mercantil. Durante o século XIV, na Europa Ocidental, a troca comercial tornou-se função urbana e essa função fez surgir uma nova estrutura do espaço urbano. Essa inflexão do agrário para o urbano, intensificada pelas trocas comerciais entre cidades, favoreceu a formação de burguesia comercial e o acúmulo de riquezas que posteriormente deu início a um novo processo social: a industrialização (LEVEBVRE, 1999).

O crescimento da produção industrial super-põe-se ao crescimento das trocas comerciais e as multiplica. Nesse momento, a problemática urbana impõe-se à escala mundial e a cidade industrial precede e anuncia a zona crítica. Trata-se do que Lefebvre (1999, p. 26) chama de implusão-explosão, ou seja, “a enorme concentração (de pessoas, de atividades, de riquezas, de coisas e de objetos, de instrumentos, de meios e de pensamento) na realidade urbana, e a imensa explosão, a projeção de fragmentos múltiplos e disjuntos (periferias, subúrbios, residências secundárias, satélites etc)”, isto é, a extensão do tecido urbano por toda parte.

O eixo espaço-temporal apresentado pelo autor sugere que o fenômeno urbano resulta de um acúmulo de processos históricos. Pautado na hipótese lefebvriana de urbanização completa da sociedade, Brenner (2014) afirma que o processo emergente de urbanização estendida está produzindo uma estrutura heterogênea que, em lugar de concentrar-se em pontos



nodais ou de circunscrever-se às regiões delimitadas, se tece agora de maneira desigual e com uma densidade cada vez maior em grandes extensões de todo o mundo.

Para Brenner (2014) o urbano é uma construção teórica. Isso significa dizer que “o urbano não é um local, espaço ou objeto pré-estabelecido; sua demarcação como zona de pensamento, representação, imaginação ou ação somente pode se produzir por meio de um processo de abstração teórica” (BRENNER, 2014, p. 13). Dito de outro modo, o urbano vai além da cidade, não se refere a uma forma, mas a um processo, uma problemática que não se limita as fronteiras entre urbano e rural. Para o autor, o conceito de urbanização é uma ferramenta crucial para investigar o processo urbano planetário. Todavia, é preciso evitar as abordagens convencionais que equiparam a urbanização com o crescimento demográfico de cidades e metrópoles, isso porque, “embora essas interpretações capturem dimensões significativas da mudança demográfica produzida dentro de um sistema global de assentamentos em desenvolvimento”, são limitadas tanto empírica quanto teoricamente (BRENNER, 2014, p. 17).

A urbanização planetária proposta pelo autor com base na hipótese da urbanização completa da sociedade anunciada por Lefebvre (1970) é posta como um “novo paradigma”, uma verdadeira revolução espacial contemporânea que se sobrepõe à realidade urbano-industrial e propõe suplantando dualidades do tipo cidade-campo, cidade-urbano, etc. Brenner (2014) direciona nosso olhar para as transformações ocasionadas pelo processo da urbanização, a nível planetário, no sentido de ampliar a perspectiva crítica e abordagens sobre a temática. Não obstante, o autor não trabalha com a ideia da metropolização como processo decisório do capitalismo. Conforme destaca Eudes Leopoldo (2017, p. 89).

Na verdade, ele subestima a potência desse processo. Neil Brenner (2013) lembra das formas metropolitanas e de inúmeros conceitos formulados no sentido da compreensão desse novo estágio da produção do espaço; no entanto, os coloca como momentos teóricos profundamente vinculados ao “campo cego”. Neil Brenner (2013, p. 64) insiste que “mais do que nunca, resulta urgente decifrar a interação entre a urbanização e os padrões de desenvolvimento espacial desigual, mas as noções territorialistas da cidade, o urbano e a metrópole são ferramentas conceituais cada vez menos adequadas para esse fim”. Neil Brenner (2013) exercita a teoria crítica do urbano, mas não vê a potência da dimensão metropolitana, que emerge como a grande problemática do século XXI. Talvez, essa sim seja o grande paradigma da atualidade e condição, meio e produto das contradições contemporâneas.

O autor é categórico ao afirmar que “Brenner não identifica um processo que vai para além da urbanização, como se a generalização desse processo em si mesmo fosse indicativa da revolução espacial contemporânea”. Ainda segundo Leopoldo (2017), a urbanização planetária proposta por Brenner é posta como uma espécie de novo panorama paradigmático. No entanto,



acredita que vivemos sim um novo paradigma, “cuja base espacial é o metropolitano, a potência econômica é o financeiro, o fundamento cultural é o chamado pós-modernismo e a conexão essencial é a informação” (LEOPOLDO, 2017, p. 88).

Ao anunciar a metropolização como o momento mais avançado do processo de urbanização, Lencioni (2008, p. 47) não tem a intenção de negar a urbanização, “esse continua a transformar o território, no entanto, a determinação do momento atual reside mais no processo de metropolização do que no de urbanização”. Em contrapartida, Sposito (2015, p. 140) é categórica ao afirmar que o processo maior é o de urbanização. A autora diz que prefere agregar outros elementos para compreender essa “natureza diferente” a que se refere Lencioni, visto que seu campo de pesquisas são as cidades médias e é por meio delas ou, ao menos, a partir delas que busca compreender os processos mais gerais. Em função disto:

[...] procuro evitar que se adote a ideia de que as dinâmicas em curso são movimentos que se estabelecem, exclusivamente, como vetores originados na metrópole em propagação pelos demais espaços. Isso não foi afirmado pela autora, mas poderia se derivar de sua análise, se não se prestar atenção ao que vem ocorrendo no Brasil como um todo. Considero que a difusão de processos, antes afeitos às metrópoles, pelos outros estratos da rede urbana, reforça mais a tese de que a urbanização continua em curso, como processo maior, se queremos compreender o sistema urbano nacional com suas múltiplas redes (SPOSITO, 2015, p. 139).

Sposito insiste que “é preciso não reduzir a ideia de metropolização do espaço a movimentos de disseminação de interesses, ações, valores e práticas econômicas e sociais da metrópole para outros espaços”. Posto isso, é interessante destacar o pensamento de Leopoldo (2017, p. 422), no qual ele afirma que a problemática levantada por Sposito permite aprofundar a noção de implosão-explosão da metrópole, “que não é só dispersão a partir dela, mas também centralização e qualificação de conteúdos externos a ela”. Ainda segundo o autor, “quando Sposito (2015) parte da ideia de que a cidade média é um espaço não metropolitano, implicitamente ela parte da ideia de que considera a produção do espaço metropolitano” (LEOPOLDO, 2017).

Diante do exposto, convém destacar que apesar da divergência metodológica na maneira como as autoras buscam compreender as transformações urbanas ocorridas nas cidades (médias e/ou metrópoles) decorrentes do avanço do capitalismo contemporâneo, ambas reconhecem a complexidade das reflexões em torno das mudanças sofridas pela rede urbana brasileira e instigam o debate em direção a redefinição dos papéis urbano e metropolitano. Posto isso, em nossas reflexões, optamos por trilhar o caminho teórico metodológico mais próximo das ideias desenvolvidas por Sandra Lencioni, uma vez que, enxergamos a metropolização como uma



nova determinação do urbano, um processo socioespacial que imprime ao espaço características metropolitanas.

Percebe-se que o debate envolvendo a compreensão do processo de metropolização perpassa diferentes fases da urbanização capitalista, dos quais é possível destacar: a relação urbano-rural, a reestruturação urbano-industrial, a centralização do capital e a desconcentração da metrópole (FERREIRA, 2016). Sendo assim, ao falar em metropolização do espaço, devemos remeter-nos de imediato a alguns fatos que darão sentido à análise.

Em primeiro lugar é preciso ressaltar que o fenômeno urbano, ligado à industrialização e à aglomeração (complexos urbano-industriais), vem dando lugar ao fenômeno metropolitano, ligado à desindustrialização, e a desconcentração e à “explosão” da metrópole. Trata-se de uma difusão de códigos metropolitanos, que vai muito além, inclusive, dos limites das regiões metropolitanas oficialmente delimitadas. “O segundo fato é de que diversos outros processos espaciais estarão afetados por essa transformação de urbano para urbano-metropolitano ou, simplesmente, metropolitano” (FERREIRA, 2016, p. 442). Ainda segundo o autor, o processo metropolização não exclui aquilo que Lefebvre denominou, no início da década de 1970, de urbanização completa da sociedade, pelo contrário, “o processo de metropolização do espaço está para o momento atual, assim como a urbanização da sociedade estava para aquele momento” (FERREIRA, 2016, p. 447).

Para Lencioni (2013, p. 17) a metropolização do espaço se constitui num processo socioespacial que transforma profundamente o território. “A bem da verdade, não se trata de uma simples transformação, mas de uma verdadeira metamorfose, pois implica profundas alterações, quer de formas, bem como de estrutura e natureza”. Trata-se de uma nova realidade que se impõem e com ela “se faz urgente a necessidade de revisão de teorias, bem como a audácia de se criar novas referências de análise que permitam compreender as dinâmicas atuais” (LENCIONI, 2008, p. 46).

A geógrafa Sandra Lencioni é sem dúvidas a maior referência brasileira quando o assunto é metropolização do espaço. Ao longo das suas reflexões, a autora ganhou destaque ao abordar temáticas voltadas para geografia regional, centralização do capital na metrópole paulista e reestruturação urbano-industrial. Em suas pesquisas mais recentes Sandra Lencioni, têm caminhado em direção à formação da Megarregião Rio de Janeiro-São Paulo. No entanto, concordamos com o professor Álvaro Ferreira (2018) ao afirmar que suas inquietações intelectuais “sempre estiveram interligadas e o processo que teve o papel de nexo aglutinador foi a metropolização do espaço”.



Pautada em um vasto referencial bibliográfico, dentre eles Ferrier (2002); Kayser (1969); Ascher (1998); Volle (1996), Lacourt (1999) e Monclús (1999) a autora é enfática ao afirmar que estamos diante de um momento novo, a pós-urbanização. Nessa nova fase a distinção entre campo e cidade, já não é mais a mesma, visto que, o comportamento social pautado por um modo de ser que emana da metrópole invade o campo. Sendo assim, “a lógica da industrialização e da urbanização, como a da transformação de espaços rurais em urbanos, continua existindo, mas está subordinada à da metropolização” (LENCIONI, 2015, p. 8).

Metropolização, globalização e reestruturação se inter cruzam e se desenvolvem em diversas escalas territoriais. Juntos esses três processos transformam profundamente os espaços, independentemente de fazerem parte de uma metrópole. No caso das cidades médias, essas transformações podem ser observadas a partir da intensificação dos movimentos pendulares, do aumento na oferta de serviços (públicos e privados) e do desenvolvimento de infraestruturas com foco na dimensão cultural da metropolização.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao refletir sobre o processo de metropolização para além da metrópole, Lencioni (2013) alerta que os hábitos culturais e os valores urbanos próprios da metrópole se difundem para além dela. A autora cita o exemplo do metrossexual, uma figura que foi concebida como sendo exclusivamente um habitante da metrópole e que hoje se encontra presente nas pequenas e médias cidades. Sobre o assunto ela enfatiza que:

Foi o britânico Mark Simpson que, juntando a palavra metro, de metrópole, e sexual, para referir a heterossexual, cunhou esse termo para qualificar o homem heterossexual que tem um modo de vida metropolitano e que encontra na metrópole os serviços voltados para o cultivo de sua aparência. O metrossexual se constitui, portanto, num modo de ser e diz respeito a um habitante da metrópole. No entanto, o metrossexual, inicialmente concebido como um habitante da metrópole, não se circunscreve a ela. Essa figura se relaciona não à metrópole, mas ao processo de metropolização do espaço. Por isso é que o metrossexual pode ser encontrado em diversas cidades, não importando se essas são metrópoles ou não (LENCIONI, 2013, p. 48).

A metropolização vem acompanhada de uma alteração profunda da cultura mercantil e conforme destacado anteriormente, se desenvolve em diferentes escalas territoriais. Esse processo, capaz de transformar profundamente o território acentua a homogeneização do espaço, provocando uma mesmice paisagística, observada principalmente nas grandes cidades a partir da ação do capital e da valorização imobiliária. Além disso, altera a hierarquia entre os





lugares, e ocasiona mudanças na rede urbana, por meio da manifestação socioespacial do capitalismo contemporâneo, que definem novas escalas de processo e relações sociais. Por fim, a metropolização intensifica a fragmentação do espaço, promovendo uma tendência de suburbanização, originada em decorrência da seleção de espaços privilegiados em detrimento aos espaços menos favorecidos. A segregação dos espaços de moradias, lazer, favelas e condomínios fechados são exemplos dessa “marginalização” (LENCIONI, 2017).

Conforme destacado por Lencioni (2015), a dimensão cultural da metropolização revela a presença de um conteúdo simbólico da metrópole em escalas que vão além dela. Nesse contexto, o espaço metropolizado torna-se cada vez mais disputado para reprodução do capital, e passa a promover características cada vez mais homogêneas, oriundas da metrópole. Os códigos metropolitanos são impostos a espaços fora da metrópole alterando práticas e valores, por meio da criação de novas infraestruturas, serviços e principalmente do consumo crescente. A presença de estabelecimentos que carregam em si o símbolo do viver nas metrópoles, a exemplo das famosas redes de fast-food, restaurantes de comida japonesa, italiana, entre outros, são elementos de uma cultura padronizada que revela a intrínseca relação da metropolização com o processo de globalização.

Nesse cenário, Juazeiro do Norte, é destaque a partir das novas lógicas espaciais provocadas pela reestruturação produtiva e uma série de investimentos externos, a exemplo do Cariri Garden shopping, das grandes redes de hipermercados, concessionárias de veículos, lojas de departamento, etc. A presença desses novos equipamentos têm provocado significativas mudanças espaciais, em escala intraurbana e interurbana, tanto no uso e ocupação do espaço, como na formação de novas centralidades.

Ademais, o município se sobressai a partir de um novo segmento: a gastronomia. O número de empreendimentos do setor de alimentação, tais como bares e restaurantes cresce a cada ano, sobretudo a partir da segunda década do século XXI, quando foi institucionalizado um polo gastronômico no bairro Lagoa Seca. Famoso por abrigar moradias de alto padrão, além dos maiores e mais sofisticados restaurantes e hotéis da cidade, o bairro apresenta uma diversidade gastronômica com opções que vão de comida mexicana, árabe, japonesa, hamburguerias até as tradicionais comidas regionais caririenses.

Um dos primeiros grandes restaurantes a se instalar no bairro foi o Ristorante Pasto & Pizza, em 2010. Em entrevista concedida a Revista Cariri<sup>4</sup>, um dos sócios responsáveis pelo

---

<sup>4</sup> Disponível em: <https://caririrevista.com.br/o-que-muda-com-o-polo-gastronomico-da-lagoa-seca/>. Acesso em: 10 de maio, 2021.



restaurante ressaltou que é tendência o público migrar para a Lagoa Seca, visto que é nele onde se encontram as melhores casas e restaurantes. Nos anos seguintes, dezenas de estabelecimentos com o mesmo padrão passaram a ofertar seus serviços na localidade, dentre eles se destacam: Sirigado do Pedro, Seu Gringo, Marujo Primer, Fogo Campeiro, Cactus Hamburgueria e Pizzaria, Paretto Ristorante, Japa Matuto, Kingmaki Temakeria e Sushi Bar, etc. Nesse segmento, o bairro Lagoa Seca tornou-se oficialmente um polo gastronômico em 2015, quando foi sancionada a Lei nº 45360A de 08 de outubro de 2015. Em seu Art. 3º, fica estabelecido que o Polo Gastronômico da Lagoa Seca tem por objetivo:

I - promover desenvolvimento sustentável da atividade econômica, ali espontânea, já instalada; II - atrair novos investimentos dentro do perfil vocacional da área; III - assegurar o controle urbano e o ordenamento do uso do solo, com ênfase ao combate às poluições sonora, visual e do ar; IV - favorecer o trânsito de pedestres na área e melhorias na circulação de veículos; V - otimizar o uso coletivo de estacionamentos, bem como a ampliação da oferta de vagas no entorno; VI - realizar campanhas publicitárias objetivando a divulgação do corredor; VII - patrocinar festivais e encontros gastronômicos.

O bairro que já se destacava pela concentração da classe média e classe média alta, com uma infraestrutura básica e um padrão de desenho urbano que privilegia o automóvel, tornou-se um espaço ainda mais seletivo após a implementação do polo gastronômico. Isso porque, segundo o Art. 2º da referida lei, “a área delimitada poderá ser objeto de regras específicas relativas ao uso do solo, às obras e às posturas municipais pelos estabelecimentos enquadrados no perfil sócio econômico do referido corredor”.

O bairro Lagoa Seca juntamente com o bairro triângulo concentram também o maior número de condomínios verticais e horizontais do município. Uma matéria publicada pelo diário do Nordeste<sup>5</sup> em dezembro de 2019, revela que a verticalização e criação de condomínios em Juazeiro do Norte cresceram mais de 1.000% entre os anos de 2010 e 2019. O levantamento realizado pelo Conselho Regional de Corretores de Imóveis (Creci), aponta que até 2010, eram registradas 407 unidades (252 residenciais e 155 salas comerciais) no município. Até novembro de 2019, este número saltou para 4.309 unidades, das quais (3.062 são residenciais e 1.247 comerciais). Ainda segundo a reportagem, no ano de 2019, Juazeiro do Norte foi destaque ao dispor do segundo metro quadrado mais valorizado do Estado Ceará. Os bairros mais caros da cidade são a Lagoa Seca e o Planalto, com valor entre R\$ 5 mil a R\$ 7,5 mil. No bairro

---

<sup>5</sup>Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/negocios/verticalizacao-de-juazeiro-do-norte-cresce-mais-de-1-000-em-9-anos-1.2190418>. Acesso em: 27 de maio, 2021.



Triângulo, o metro quadrado para os empreendimentos comerciais também é, em média, R\$ 7,5 mil (DIÁRIO DO NORDESTE, 2019).

Ao refletir sobre os espaços de comércio e consumo em Juazeiro do Norte, Pereira (2018, p. 262) levanta a hipótese de que nesta cidade “estamos diante de um processo de fragmentação socioespacial na qual o consumo é um aspecto central”. Trata-se de uma lógica capitalista que reflete o extremo individualismo dos dias atuais, no qual, “a única instância de socialização se resume ao mercado, parece que a única instância de construir a cidadania é pelo consumo” (LENCIONI, 2017, p. 69).

Vale ressaltar que, o município foi classificado como a 14ª cidade do Brasil no eixo fomentador de tecnologia e inovação, de acordo com o Ranking *Connected Smart Cities* de 2021, responsável por encontrar novas identidades de inovação e melhoria territorial. O ranking é feito pelo *Urban Systems* em parceria com o evento *Connected Smart Cities*, e acontece anualmente no estado de São Paulo. A escolha é feita a nível nacional, conta com 11 áreas temáticas (mobilidade, tecnologia, inovação, segurança, meio ambiente, empreendedorismo, educação, governança, urbanismo, economia e saúde) e dezenas de indicadores para posicionar as cidades nas primeiras 100 colocações dentro de uma visão geral e por eixos temáticos (O POVO, 2021).

Juazeiro do Norte que já era destaque nas áreas de mobilidade e segurança, passou a integrar o ranking de tecnologia e inovação, no ano de 2021. O município foi o único do interior do Nordeste a se configurar entre as 15 primeiras posições, ficando à frente de Campina Grande e Caruaru, bem como de capitais como Recife, Natal e João Pessoa. Para estruturação do ranking, foi criada uma metodologia de ponderação de indicadores chamada de Índice de Qualidade Mercadológica (IQM). No caso do Eixo Tecnologia e Inovação, foram levados em consideração alguns indicadores como Fibra Ótica, Velocidade média das conexões contratadas, porcentagem de empregos formais de nível superior e também do setor de TIC e a densidade de banda larga (O POVO, 2021).

Além da fibra ótica Juazeiro do Norte, que conta com quatro operadores no município, equivalente a 98% de cobertura, também há a cobertura 4G que abrange 99% da região. A colocação no ranking possibilita a cidade gerar um crescimento na área de tecnologia e inovação de forma a atrair empresas que são do setor de tecnologia e comunicação<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.opovo.com.br/noticias/ceara/juazeiro-do-norte/2021/09/08/juazeiro-esta-entre-as-15-melhores-cidades-do-pais-no-setor-de-tecnologia-e-informacao.html>. Acesso em 15/09/2021.



Vale ressaltar que, o município possui diversas instituições de ensino superior com cursos na área de tecnologia da informação, como pode ser observado na tabela 1. A expansão do ensino superior no Cariri, com ênfase no município de Juazeiro do Norte se deu longo das duas primeiras décadas do século XXI, período em que importantes Instituições de Ensino Superior públicas e privadas se instalaram em seu território. Dentre elas é possível destacar a Faculdade Leão Sampaio, hoje Centro Universitário Dr. Leão Sampaio – UNILEÃO (2001) o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE (2008), Faculdade Paraíso do Ceará – FAP (2005), Faculdade de Juazeiro do Norte – FJN (2003), Faculdade de Medicina de Juazeiro do Norte (2000), Universidade Federal do Cariri – UFCA (2013) e o Centro Universitário Maurício de Nassau – UNINASSAU (2017).

Considerando o total de cursos ofertados pelas instituições de ensino presencial do CRAJUBAR (Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha), Juazeiro do Norte se destaca com 87 de um total de 112 cursos disponibilizados por instituições públicas e privadas. Este fato ocasiona um elevado número de migrações pendulares dos diversos municípios circunvizinhos, fazendo de Juazeiro um dos mais importantes centros de ensino superior do Estado.

**Tabela 1** – Cursos de graduação presencial ofertados em Juazeiro do Norte (2020)

CIDADE	IES	CURSOS OFERTADOS	
JUAZEIRO DO NORTE	<b>Universidade Federal do Cariri (UFCA)</b>	Administração Biblioteconomia Ciências Contábeis Design de Produto Engenharia de Materiais Filosofia (Licenciatura) Letras / libras <b>Matemática Computacional</b>	Administração Pública <b>Ciência da Computação</b> Filosofia (Bacharelado) Engenharia Civil Música Jornalismo Design
	<b>URCA (Campus CRAJUBAR e Pirajá)</b>	Engenharia de Produção Matemática Tecnólogo da Construção Civil: Edificações Tecnólogo da Construção Civil: Topografia e Estradas	Física Teatro Artes Visuais
	<b>IFCE Juazeiro do Norte</b>	Educação Física Engenharia Ambiental Tecnologia em Construção de Edifícios Tecnologia em Automação Industrial	Matemática
	<b>FATEC Cariri</b>	Eletromecânica Irrigação e Drenagem Manutenção Industrial	Saneamento Ambiental Tecnologia de Alimentos
	<b>UNILEÃO (Campus CRAJUBAR, Saúde e Lagoa Seca)</b>	Administração Biomedicina Ciências Contábeis Educação Física Enfermagem Psicologia	Fisioterapia Gestão Comercial Direito Medicina Veterinária Odontologia Serviço Social



		Gestão de Recursos Humanos <b>Análise e Desenvolvimento de Sistemas</b>
<b>Faculdade de medicina ESTÁCIO</b>	Enfermagem Farmácia	Fisioterapia Medicina
<b>Centro Universitário Paraíso (UniFAP)</b>	Administração Arquitetura e Urbanismo <b>Sistemas de Informação</b> Enfermagem Engenharia de Produção Marketing Análise e Desenvolvimento de Sistemas (ADS)	Farmácia Fisioterapia Nutrição Engenharia Civil Direito Psicologia
<b>Centro Universitário de Juazeiro do Norte (UNIJUAZEIRO)</b>	Arquitetura e Urbanismo Direito Farmácia Medicina Veterinária Pedagogia <b>Sistemas de Informação</b>	Ciências Contábeis Enfermagem Gastronomia Nutrição Segurança no Trabalho
<b>Faculdade de Odontologia CECAPE</b>	Odontologia	
<b>UNINASSAU</b>	Administração Psicologia Segurança do Trabalho Logística Educação Física Engenharia Civil	Ciências Contábeis Odontologia Nutrição Fisioterapia Enfermagem Gestão Comercial

**Fonte:** Elaboração própria

Na classificação do Regic (2008), Juazeiro do Norte se destacava junto a Crato e Barbalha, como um aglomerado urbano na categoria de Capital Regional C. Na publicação de 2020, além da nova nomenclatura “Arranjo Populacional de Juazeiro do Norte”, baseada no estudo dos Arranjos Populacionais (2016) que também inclui Crato e Barbalha, o nível de centralidade passou a “Capital Regional B”, tornando-se o único do estado do Ceará nessa condição.

Essa mudança na hierarquia da rede urbana proposta pelo novo Regic (2020) revela o que alguns trabalhos acadêmicos<sup>7</sup> realizados por pesquisadores da região já vinham apontando, quanto as transformações da dinâmica urbana caririense, principalmente no tocante ao município de Juazeiro do Norte. O núcleo do Arranjo populacional que compreende o Crajubar, possui uma população de 463.453 habitantes, com PIB de 6.550.276 (2016) e PIB *per capita* de R\$ 14.134. Já sua região de influência abrange uma população de 1.975.953 habitantes, distribuídos em cerca de 64 cidades do Ceará, Paraíba, Pernambuco e Piauí em uma área de 54.434 Km<sup>2</sup>.

<sup>7</sup> Dentre os trabalhos citados é possível destacar: Queiroz (2013); Castro (2017); Nascimento (2018).



**Tabela 2** – Dados relacionados a região de influência do AP Juazeiro do Norte

Características	Região de influência do AP Juazeiro do Norte (A)	Núcleo da Sede (AP Juazeiro do Norte) (B)
População (2018)	1 975 953	463 453
Área (km <sup>2</sup> )	54 434	1 995
Densidade demográfica (hab/km <sup>2</sup> )	36	232
Cidades	64	1
PIB 2016 (1 000 R\$)	19 134 197	6 550 276
Valor adicionado serviços (exceto administração pública)	8 149 159	3 600 165
Valor adicionado indústria	1 717 278	773 979
Valor adicionado agropecuária	1 262 002	169 698
Valor adicionado administração pública	6 486 356	1 355 171
Impostos	1 519 395	651 261
PIB <i>per capita</i> (R\$)	9 684	14 134

Fonte: REGIC (2020).

Pautado principalmente no comércio inerente à figura do padre Cícero, indústria, turismo religioso e oferta de serviços especializados, a “capital da fé” como é tradicionalmente conhecida, recebeu nas últimas décadas um conjunto de investimentos da esfera pública e privada que aumentou substancialmente seu poder de centralidade, cujo raio abrange a maioria dos municípios do sul cearense, atingindo também os estados do Pernambuco Piauí e Paraíba. Essa realidade tem se concretizado nos últimos onze anos em que foi institucionalizada a Região Metropolitana do Cariri (RMCariri).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“Fica, pois, aqui claro que considero o mundo imperfeito e a cidade, lugar de concentração de problemas num mundo globalizado e crescentemente metropolitanizado”, mas, também - sobretudo, digo mesmo - lugar de oportunidade e de mudança, onde é mais evidente o dever que temos todos em colocar o conhecimento ao serviço de um mundo melhor.*

(FERNANDES, 2017 p. 623).

O caminho percorrido até aqui, vai de encontro com o pensamento de João Alberto Rio Fernandes ao abordar as desigualdades da Cidade do Porto, em Portugal, durante o Simpósio Internacional sobre Metropolização e Espaço. A metropolização, associada aos processos de globalização e reestruturação produtiva faz parte de uma nova fase da modernização capitalista, capaz de transformar profundamente o território. Essa transformação na maioria das vezes movida pela expansão de novos padrões de acumulação do capital e pela difusão dos conteúdos que antes eram exclusivos das metrópoles e suas regiões metropolitanas resultam no



“desenvolvimento regional desigual da reprodução das relações sociais de produção” (LEOPOLDO, 2017).

“De maneira figurativa, é como se a metropolização do espaço se constituísse em uma segunda natureza da urbanização, no sentido de uma urbanização com nova essência e substância” (LENCIONI, 2015, p. 7). Trata-se de um processo que põe por terra antigas certezas, como a distinção entre campo e cidade e a discriminação do que é próprio de uma metrópole e/ou cidade, além da diferenciação entre o que é urbano e intraurbano.

Entender os efeitos desse processo para além da metrópole é complexo e envolve outros elementos que não foram expostos nesse artigo, dentre eles é possível destacar a concentração de atividades de gestão e a presença de urbanidades no rural. A metropolização é um processo determinante que chega a áreas cada vez mais distantes, tornando-se elemento chave para a compreensão do mundo atual.

## REFERÊNCIAS

- BRENNER, N. Teses sobre a urbanização. **E-metropolis**, n. 19, p. 6-26, dez. 2014.
- FERNANDES, J. A. R. Metropolização e centro de cidade: reflexão (de síntese) sobre mudanças recentes. In: FERREIRA, A.; RUA, J.; DE MATTOS, R. B. (Orgs). **O espaço e a metropolização**. Rio de Janeiro: Consequência editora, 2017.
- FERREIRA, A. Caminhando em direção à metropolização do espaço. **Geosp – Espaço e Tempo**, v. 20, n. 3, p. 441-450. 2016.
- LEFEBVRE, H. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.
- LENCIONI, S. Reconhecendo metrópoles: território e sociedade. In: SILVA, C. A. da; GUICHARD, D. F.; OLIVEIRA, F. J. G. de (org.). **Metrópole: governo, sociedade e território**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. p. 41-58.
- \_\_\_\_\_. Metropolização do espaço: processos e dinâmicas. In: FERREIRA, A.; RUA, J.; MARAFON, G. J.; SILVA, A. C. P. da. (org.). **Metropolização do espaço: gestão territorial e relações urbano-rurais**. Rio de Janeiro: Consequência, 2013. p. 17-34.
- \_\_\_\_\_. A metamorfose de São Paulo: o anúncio de um novo mundo de aglomerações difusas. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, Curitiba, n. 120, p. 133-148, jan./jun. 2011.
- \_\_\_\_\_. Referências analíticas para a discussão da metamorfose metropolitana. In: LENCIONI, S.; VIDAL-KOPPMANN, S.; HIDALGO, R.; PEREIRA, P. C. X. (org.). **Transformações sócio-territoriais nas metrópoles de Buenos Aires, São Paulo e Santiago**. São Paulo: FAUUSP, 2011. p. 51-60.
- \_\_\_\_\_. **Metrópole, Metropolização e Regionalização**. Rio de Janeiro: Consequência, 2017.



LEOPOLDO, E. **Financeirização Imobiliária e Metropolização Regional**: o Alphaville na implosão-explosão da metrópole. 2017. 500 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

MOURA, R. **Arranjos urbano-regionais no Brasil**: uma análise com foco em Curitiba. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2016.

PEREIRA, C. S. S. **A nova condição urbana**: espaços comerciais e de consumo na reestruturação da cidade – Juazeiro do Norte/CE e Ribeirão Preto/SP. 2018. 486 f. Tese (Doutorado em Geografia), Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2018.

SPOSITO, M. E. B. Metropolização do Espaço: cidades médias, lógicas econômicas e consumo. In: FERREIRA, A. et.al (Org.). **Desafios da metropolização do espaço**. Rio de Janeiro: Consequência, 2015. p.125-151.